

A Cidade de Ytú

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO

ANNO X
REDACTOR
Francellino Cintra

YTU, 13 de Setembro de 1903

GERENTE
João Pery de Sampaio
N. 707

Publicações

O *Republica* ha dias, pela falta de materia móe um offerecimento á Camara Municipal d'esta cidade.

Quer a viva força publicar os seus actos e expedientes, propondo se a fazer esse serviço, pela quantia de 50\$000, metade do que percebe esta folha para fim identico.

A Camara aceitará, como não?

Resta apenas que o *Republica* prove ser um jornal e não um pasquim difamador.

Esta é a unica contrariedade que existe; e, satisfeita essa exigencia, terá o de Saldanha mais 50\$000 para *rabiolis*.

Agora lembramos nos:—Em 1900, offerecemo-nos para publicar gratuitamente todos os actos da Camara que não obstante o *Republica* perceber os cem bôdes por isso; ninguém punha os olhos em cima de publicação alguma.

Até o nosso offerecimento foi:—«Publicaremos gratuitamente todos os actos da Camara; e o *Republica* continuará a perceber o cobre.»

Elles aceitaram? Nem sabemos.

A Prophecia

LENDA ARABE

Foi nas primeiras eras dos annos da hegira.

Presidia os destinos de Kóρθoba o forte e valente khalifa Abdu r-rahman o justo; o paiz livre da dynastia da raça má e vingativa dos Hmar-ha-katos, vivia alegre e feliz; via de todos os lados chegarem enviados dos walis, seus vizinhos, que buscavam sua alliança; até das montanhas Alkibla e do amir nazareno de Djalikia, vinham caminhadores buscando os seus grandes mercados; adorava o povo ao seu khalifa, e amava-o porque elle era justo e bom, sabia enriquecer Kóρθoba, engrandecendo a gloria do Islam.

Habitava por esse tempo em Kóρθoba um descendente da dynastia decahida o qual morava em um castello retirado da cidade, chamava-se esse principe Al-Kodho.

Um dia um fakir, propheta de desgraças e nuocio de sinistro, que percorria o Andalús, levando por todo elle o miasma maldito de que se achava impregnado o seu immundo albornoz, chegou a Kóρθoba; havia Al'ah transphormado o cerebro de tal fakir em cabaça cheia de farello; sonhou uma noite tal propheta a queda do khalifa e a ascensão de Al Kodho; fiel a seus habitos sahni vaticinando como prophecia o sonho que tivera. Nos campos de Khalifa tal prophecia não produziu nenhum effeito, porém, no pequeno numero dos partidarios da decahida dynastia, teve ella o effeito do uma descarga electrica; sonharam com a passada grandeza, com a riqueza que então terião de novo e electrizados por essa ideia resolveram festejar a ascensão ao Khalifado de Al Kodho, mesmo antes da sua consummação.

Seria feita uma festa fabulosa como as que só elles sabiam fazer; os salões do seu alcassar encher se ião de nobres e principes que de longas terras virião assistir ao baile offerecido ao seu novo khalifa.

Estava escrito. Abdu r-rahman cahiria, Al Kodho o substituiria; de novo seria seuhora a dynastia dos Hmar-ha-katos; urgia festejar tão grande acontecimento.

Dezenas de mensageiros foram enviados para Chantaryn, Zarkosta, Fraudjat;

Bagdag e para todos os khalifados e reinos vizinhos, em busca de convidados; fizeram circular por todo Andalús a noticia do seu famoso e fabuloso baile; não houve principe ou nobre da redondeza que não fosse convidado; os mensageiros bem instruidos dizião aos convidados que fosse, terião cama e meza gratis, so pagarião o schop (já então elle existia); pelos partidarios do governo foram os convites distribuidos profusamente; porém elles, os recebiam, sorriam com deadem e os jogavam ao lume.

Passaram-se dias; o fakir annunciava o baile e prophetisava a ascensão de Al-Kodho.

Chegou finalmente o grande dia. Havião preparado um banquete sumptuoso, foram abatidos vinte bois, dos quaes cinco foram assados inteiros em longos espetos.

E' noite; o alcassar illuminado por mais de um milheiro de lampadarios de milhentas luzes, fascina; custosos bordados a ouro sobre custosas sedas, a guisa de reposteiro, velam ás portas; ricos e felpudos tapetes do paiz de Fars alfombram o polido assoalho; porém... os salões estão desertos, os convidados não entram! Porque demoram tanto?

E' facil saber-se o motivo de tal demora.

O baile é da nobreza, ali só entrará a aristocracia.

Al-mha-ssedho, o encarregado, chegando a porta do alcassar chama o eunucho que faz as vezes de porteiro e lhe dá a seguinte ordem:

—Hoje só entra a nobreza, os que não forem nobres mande-os bugiar; não admitta negros nem na porta

—As ordens de Al-melek Al-mha ssedo serão cumpridas; responde-lhe o porteiro.

Eis o motivo de se acharem desertos os vastos salões do alcassar.

A barulhenta charanga dos slavos-eunuchos chama os convidados; porém só entra a nobreza, assim diz o porteiro. Chega um convidado.

—Não pôdes entrar; diz-lhe o porteiro.

—Não posso entrar! tem graça; eis aqui o meu convite.

—Pouco me importa; cumpro ordens, aqui só entram nobres e tu não o és.

—Deixa-me entrar; amanhã mostrarei a minha arvore genealogica.

—Já te disse que não entras; retire-se porque não sou homem de meias palavras.

Retira-se o convidado triste e cabibaixo e vai-se encostar no predio fronteiro.

Um outro.

—Alto lá, diz lhe o porteiro; não entres, tu não és nobre.

—Não me reconheces? sou o Ypo-t ka.

—Nada tenho a ver com isso; meia volta e... marche.

Sae o triste e segue o rumo levado pelo primeiro.

Vem mais um; o porteiro vai encontrá-lo e lhe diz:

—Para lá, não te enxergas, meu negro.

—Vês como falas, sou um interprete das leis.

—A lei aqui manda dar ingresso só aos nobres; rua, meu moleque.

Ainda outro; grita-lhe o porteiro:

—O' moço, onde vai?

—Vou entrar, fui convidado para o baile.

—Sim, volte amanhã, hoje é só para os nobres, e sendo assim comprehendes que não pôdes entrar.

—Mas é que eu toco...

—Vá tocar no diabo que o carregue; já disse que não entra, basta; vá saindo de barriga.

Lá vem outro, traz um grande livro em baixo do braço e o nariz cavalgado

por um piuce-nez.

—Psiu, meu caixa d'olhos, onde vai você e mais o livro? exclama-lhe o fiel porteiro.

—Que pergunta! vou entrar.

—Tem paciencia, não podes, tu não és nobre.

—Sou o famoso Tab l-ean.

—Sae d'ahi, moço, senão eu empurro.

Assim por diante foi fazendo o fiel porteiro, só deixava entrar a nobreza: resultado foi ficarem os salões desertos.

Mas qual o motivo de tal ordem?

Profundo mysterio que nós miseros mortaes não podemos deventar.

Elles esperavam que lá fossem os partidarios do governo de então, e caso isso acontecesse, seria necessario que os salões estivessem limpos.

A meia-noite, ao som da charanga, deu entrada no alcassar o amir al-melek Al-Kodho; encontrando o real príncipe desertos os salões, pergunta o motivo e sabedor da ordem dada ao porteiro, fica furioso, chega a janella e convida aos seus, que mudos e tristes, escoravam os muros, a entrarem no alcassar; foi um momento de jubilo para aquelles miseros que desmancharam-se todos em profundos salamqueks.

Era tarde; urgia dar começo as danças; mas dansar como se não havia damas!

Teve uma ideia feliz o fakir Sal-dha-aha; trepou em tamborete, recuou da frente o capuz do albornoz e para encher linguica e comer tempo, começou com uma arenga em que vaticinou a proxima ascensão dos Mar-ha-katos.

Grãos a um velho manuscrito encontrado em umas excavações feitas nos ruinas do alcassar de Azzarat, pôs dar uma copia dessa monumental arenga, que foi tida como um padrão de gloria da oratoria daquelle tempo:

—Amir al-melek Al-Kodho, walis, wasires, kaides, khetels, nobres e fida'gos do Islam, fortes rebentos do Yemen famoso, vós que sois grandes e poderosos na terra, cuja fama enche de glorias todo o Andalús, ouvi este pobre penitente com quem Allah conversou a noite por meio da telegraphia estellar; escutai, nobres senhores, a grande nova que vou dar vos e deixai que vossos ossos dausem de alegria, assim como conjunto que os labios de minha alma neste momento se entre abram num sorriso de esperança.

Uma noite, que ainda não vai muito longe, estando eu absorto a meditar sobre a grandeza infinita de Allah, vi que as estrellas se cruzavam chamando-me a falla; ó meus queridos senhores, sorpreso, com os olhos do coração rasos de lagrimas, recebi um telegramma concebido nestes termos:

Filho amado, discipulo querido do meu querido Mahomed.

Prepare povo. Breve ascensão Al-Kodho ao trono de Kóρθoba

Teu pae Allah.

Beijei reverente a missiva divina e murmurei:

—Allah é grande e o matto maior.

Sahj a cumprir a ordem recebida; annunciarei ta nova aos raros que existiam da passada dynastia.

Não foi sonho meu, nem tão pouco delirava nos braços de D. Branca; eu vos juro pela santa Kaaba, que estava acordado e que tinha bem aberto todos os olhos do corpo.

Sim, a dynastia Mar-ha-kato voltará de novo a dominar; não sou eu quem diz: é Allah.

Está escripto. Parece que já vejo o anje Azrael, saendir suas azas sobre o Ihg hunço que cae ferido pelo somno mortal; já vejo Al-Kodho, rodeado pela sua corte subir os degraus do trono e

receber as homenagens que nós seus thuriferarios lhe rendemos.

Não é illusão, não; preparemos hymnos e colhamos flores para lhe atirmos na passagem; eu que nas horas de ocio sou poeta e converso com as musas, já compuz em honra do nosso novo khalifa, uma kassidelk, cujos versos são mais sublimes que as bellas poesias de Mozna e Sofyia.

Sim Al-Kodho será ainda nosso khalifa, ainda que para isso seja necessario jogar as nossas cabeças com os algozes e tingir de sangue as ruas de Kóρθoba; sim elle ha-de subir, nem que tenha com supedaneo os cadaveres de seus contrarios.

E' tarde; breve chegará a manhã e com ella a aurora da...

Grande barulho nos salões não deixou o fakir continuar a sua arenga; gritos de soccorres, apitos, correrias, tinir de alfanges, succede ao santo arengador.

O alcayde de Kóρθoba ouvindo tal barulho, e cuidando que se tratava de um dos taes bailes que então realisavam-se nos suburbios e aos quaes davam o nome de phuz z-hzos, palavra arabe que quer dizer dezordem, suspende-o.

Triste e melancholica dissolve-se a reunião. O fakir sae rairoso e vae chorar na cama; o principe que já ante gosava a sua resurreição, torna pezaroso, mas resignado, ao seu castello; o mordomo-mór, mal chega em casa, atira-se sobre fôfos coxins collocados em um vasto almatak, deita-se e fechando as palpebras pronuncia uma sabia sentença do autor do Al-korão:

—Nada é mais duro que o desfolhar de uma illusão.

YRANO HILFO.

Publicações

A Camara Municipal d'esta cidade, esta resolvida a aceitar a proposta do *Republica*, e isto logo que o *Republica* prove que é um jornal e não um pasquim difamador dos homens que o desprezam

A Camara pagará até mesmo os cem mil reis, attendendo a que o *Republica* é muito mais lido que a nossa folha, e o jornal (?) de maior tiragem da rua do Commercio.

Esfusiotos



Santos Dumont, o glorioso conquistador dos ares, aproveitando a oportunidade que teve, deixou a innegavel Paris, para vir visitar, sua patria, familia e amigos; de quaes as saudades agrilhoaram n'ó, lá no velho mundo.

A sua patria, os seus amigos e admiradores do seu genio, receberam-no triumphosamente; todos queriam associar se as homenagens que seriam prestadas ao joven patricio, que tão alto elevou lá fó-ra, no estrangeiro o nome do nosso estremecido Brazil.

O Rio e S. Paulo, prestaram ao destemido navegador dos ares, solemnes provas da sua mais alta admiração.

A mocidade das escolas, tomando a iniciativa dos festejos, chamou para coadjuval-a, todos os patriotas, todos os que, amando este grandioso Paiz, admiram o talento de seus filhos illustres.

Seguindo o exemplo da mocidade das outras escolas, os estudantes de Piracicaba, das escolas *Agricola e Complementar*, entenderam, cumprir um dever, indo tambem a S. Paulo, testemunhar a sua admiração ao glorioso patricio.

Tomada a resolução, pediram carro ao Dr. Alfredo Maia, e ant'hontem seguiram para a capital, passando por esta cidade.

Ora, aqui o trem para mais de uma hora; e elles, os bons e alegres rapazes' resolveram, aproveitando esse tempo, visitar diversos pontos da nossa cidade, cumprimentar a imprensa local, etc.

Subindo descuidados a rua do Commercio, depararam com o escriptorio do outro, onde vegeta o de Saldanha.

Uma vez ahí, foram dispensadas algumas palavras de saudação, terminando com um estrepitoso viva ao PARTIDO REPUBLICANO GOVERNISTA!

Um dos moços do outro, quando ouviu aquillo, encolheu se como bicho de concha, dando ao diabo a tal manifestação; o outro então, o negro do meu coração, ficou assim meio entre as dez e as onze; e como não sabia quem eram aquelles rapazes, d'onde vinham e para onde iam, julgou-os emissarias de poder superior, que aqui vinham empossal-os nas posições officiaes, e assim, lavou as mãos com agua e potassa, enchugou-as n'um jornal velho, botou o paletot a cavallo nos hombros, cobrio o paiol da burrice com um chaspilinho tiririca e lá se foi rua a fóra.

Onde iria?

—E' como lhe digo, estamos com as redeas do Governo, e a Jugunçada levou um trambulhão macôta.

—Mas, quem te disse isso?

—Ora, vista-se para ir pegar no bastão que os emissarios vieram trazer-nos,

—Que emissarios?

—Uns moços, talvez uns cinquenta. Chegaram lá e deram viva á nós, como Partido Republicano Governista. Já ve...

—Sim. Já vejo que foi troça dos rapazes, preparada de accordo com a canalhada lá d'a Cidade. Voce inda é muito tolo. Não sei como é que a gente lá de cima acreditou que voce já constituiu partido dissidente em Descalvado.

—Mas...

—Não tem mas. E' troça dos rapazes, tenho dite, e quando eu digo, digo! Nem mais uma palavra.

O meu negro, que já phantasiava mil posições elevadas, que contava já ser eleito papa ou pelo menos carmelengo, voltou jururú d'uma vez. E...

PARA TERMINAR.

Conversa entre dous; ouvida por um terceiro, e contada a um quarto:

CHIMPANZÉ: (em attitude de quem descobrio a direcção dos balões):—Voce quer lavar um tento, seu coisa? Quer que o Cintra fique furioso? Chame-o de creoulo.

O NEGRO DE NH'ANNA: (meio alegre):—Devéras? No primeiro numero do meu jornal (do nosso, é que é) chingal-o hei de creoulo. Veremos a cara d'elle.

CINCO DIAS DEPOIS:

O NEGRO DE NH'ANNA: (triste e jururú):—Perdi o tempo. O Cintra em lugar de molestar se, orgulhou se com o tratamento de creoulo e passou me ainda por cima um deboche onça.

CHIMPANZÉ: (apoiando a barba na mão esquerda, meditativo):—E'... o trumphi sabio ás avéssas!... Vamos inventar outro nome feio para chingal-o.

O NEGRO DE NH'ANNA: (pensando que elle fallou em ir beber cachaça):—Pois vamos.

CHIMPANZÉ:—Olha. Voce diga lá pelo jornal que o Cintra entrou ahí n'ua negociata, que prejudicou um menor orphão. Voce ha de ver como elle se desnorteia.

ALGUNS DIAS DEPOIS:

O NEGRO DE NH'ANNA: (triste e com a cidade na mão):—Qual. Não levamos partido. O Cintra desafia nos a publicar essa negociata em que elle prejudicou o menor. E agora, o que fazer? De mo os dados da historia, que eu procurarei um meio de acachapal-o.

CHIMPANZÉ: (jurioso):—Qual dados! Eu não sou jogador, ouvio? Vá bugiar!

O NEGRO DE NH'ANNA: (tremulo):—Tá bão deix. Não se amofine por tão pouco. Eu aqui estou para receber as reaes ordens do meu real senhor.

Ora espere. Eu vou acanalhar os, dizem do que o Cintra e o Nardy são uns ignorantes e não sabem escrever.

CHIMPANZÉ: (alegre):—Toque. E's um alho! Que talento! Que barbeiro! Que deutista!

Mas... cuidado...

O NEGRO DE NH'ANNA:—Eu saberei como hei de dizer, a coisa. Vou tambem dizer que todos que escrevem lá n'a Cidade, são gatunos.

CHIMPANZÉ: (pulando de contente):—Bravo! Muito bem, seu coisa.

HONTEM A NOITE:

O NEGRO DE NH'ANNA: (assim como quem quebrou a rodilha e perdeu o póte):—Vio o que o Cintra e o Nardy, disseram? Que gatunos somos nós. E agora?

CHIMPANZÉ: (ironico):—Não me amolemais! Quem manda não saber fazer a coisa bem feita.

O NEGRO DE NH'ANNA: (submisso):—Tá bão, não se azangue... Addio...

Addio, diz tambem, (sem ser em verso, que tanto encabala o coisa), o

Z. F. RINO.

Alinhavos



RUY DEL PINA.

O CARRASCO

D' O Minerva

I

O executor da alta justiça era um homem de aspecto feroz. Physionomicamente até mettia medo. Era o verdadeiro typo de Quasimodo, e feito e apaixonado adorador da bella cigana, tão extraordinariamente decantada pelo grande Victor Hugo. O officio de carrasco, herdado de seus antepassados e exercido havia já bastantes annos, endurecera-lhe o coração.

Que a victima chorasse sangrentas lagrimas, que se estorceesse n'ua agonia lenta, que impetrasse um pouco de piedade ao menos, nada abalava o sentimento da féra, tão affeita estava ao sangue e á fortuna. Era um homem de bronze.

II

De uma vez uma joven formosa, cujo simples olhar já significava uma prece, que se impunha por sua belleza e por sua meiquice não só á admiração mas até á adoração de uma alma sensível, acercara-se do carrasco para lhe supplicar indulgencia em favor do seu noivo condemnado á morte.

Cynico e petreo, sem encarar a bella mulher, respondeu com voz trovejante:—Ha de morrer! Quero velo nos extertores da morte sem ter gozado aquella que diz anal o tanto!

—Coração cruel o do carrasco!

III

Um dia, com admiração dos que o conheciam, apparecêra o carrasco dando mostras evidentes de uma tristeza profunda, havendo até quem asseverasse ter lhe visto lagrimas nos olhos.

Todos fitaram então aquelle homem de alma duramente ferez.

Que mysterio occorreria na vida do carrasco para originar tão profunda transição na alma deste homem singular. Que determinaria tal sentimento?

Elle chora, e parecem sinceras as suas lagrimas!

Facto extranho e admiravel para quem lhe conhecia a catadura.

Estes e outros commentarios vieram pôr em evidencia a extranha metamorphose.

Nesse dia um condemnado á pena ultima devia ser executado. O carrasco, contrapondo á ordem recebida excusas convincentes, e que foram acceitas, esquivou-se a cumprir o seu dever.

Hoje não, não mato ninguem, dizia, dando á voz uma forçada meiguice.

E a execução teve de ser adiada visto não haver quem quizesse substituir o extranho algoz.

IV

A tarde um prestito funebre, modesto e tocante, passava pelas ruas de Paris, caminho do Campo Santo.

Quatro homens conduziam o féretro. Atraz caminhava uma figura phantastica, de olhar amortecido e faces macilentas, quasi tão livida como as do cadaver que alli ia! Era o carrasco, o homem de coração petrificado, que, pranteando, e pela primeira vez, commovido sinceramente, acompanhava até ao tumulo a unica mulher que houvera amado— a esposa!...

S. Paulo, 903.

ARTHUR GOULART.

Piracicaba--Ytú

Sentados em nossa banca de trabalho, corriamos os olhos pelos jornaes da Paulicéa; de quando em quando uma lagrima se desprendendo de nossas palpebras rolava nos pelas faces e ia tombar sobre o jornal; liamos então a apothese sublime feita pela briosa mocidade da invicta Paulicéa ao maior genio dos ares, viamos descripção da chegada de Santos Dumout, o bandeirante do azul, ás plagas paulistas, e vendo ruidosa a justa manifestação que a mocidade estudiosa lhe fazia, não podiamos prender de todo essas lagrimas de jubios que nos marejam pelos olhos, não sabiamos que admirar, se o grande genio de Dumout ou se o civismo e assaz nunca desmentido do estudante paulista...

Estavamos neste ponto quando fomos surpreendidos por um grupo de rapazes que invadiam o nosso escriptorio: eram elles os representantes da mocidade escholiar de Piracicaba, que tambem iam levar a Santos Dumout as suas saudações.

A Noiva da Collina, não se esqueceu de mandar seus filhos cumprimentar ao patrio illustre, ao grande genio brasileiro, e ninguem melhor que sua mocidade estudiosa podia represental-a, nessa sublime apothese levantada pelas escollas ao grande talento, mascula coragem e immortal genio, que é Santos Dumout.

Agradecemos mais uma vez a esses distinctos moços a visita que nos fizeram e as houroas palavras que nos dispensaram.

Pelo trem da 1 hora da tarde chegaram a esta cidade, de passagem para São Paulo, uma comissão de alumnos e professores das escolas de Piracicaba, a qual ia a capital saudar ao nosso illustre patrio Santos Dumout; essa comissão era formada pelos seguintes senhores, alumnos das Escolas Agricola e Complementar:

Da Escola Agricola Luiz de Queiroz:—Senhores Octaviano de Moraes Sampaio, J. B. Carmo Lopes, José de Sampaio Filho, Constantino Cintra, Daniel Schilited, Manoel Rolemberg Cruz, Olegario Guimarães e Luiz Mendes.

Da Escola Complementar:—Senhores José da Costa Sampaio, André Ferraz de Sampaio, Arhimedes Xavier da Silveira, Pedro de Castro e Silva, Joaquim Moreira Filho, Marino Zanota, João Pinto da Fonseca, Joaquim Teixeira, José Camargo Cizenando Nunes, Iamael Pinto, Roque Plínio de Carvalho, José Rosa, Aristides Saes, Joaquim Mendes Brotero Bonilha e Eliziario Bonilha.

Em companhia dos mesmos vieram os senhores professores Adolpho Carvalho, João Bráulio Cezar, de Rio das Pedras, Ozorio Coelho, Luiz de Carvalho, da Escola Complementar; Militão Affonso de Azevedo, director do Grupo Escolar Piracicaba, José Lagreea, redactor d'A Flor, e outros, cujos nomes não conseguimos.

Aproveitando a demora que o comboyo aqui faz, esses distinctos estudantes subiram a passeio até a cidade, onde foram cumprimentar a redacção do Republica, orando nessa occasião; um intelligente estudante; depois vieram até ao nosso escriptorio, onde o talentoso alumno da Escola Agricola, Octaviano de Moraes Sampaio, em um bellissimo discurso com que teve o ensejo de nos patentear o

seu talento e dom oratorio, saudou a esta folha, corpo de redacção e ao povo ytuaño, representado pela sua imprensa. Respondeu lhe o nosso redactor F. Cintra, que em nome da redacção agradeceu a saudação que lhe foi feita, saúda a mocidade estudiosa e o povo piracicabano, tão bem representado por esses moços intelligentes e cheios de civismo.

Dirigiram-se então os alegres e bons rapazes em visita a diversos pontos da nossa cidade; ficando alguns em nosso escriptorio, com os quaes nos entretivemos em alegre e amistosa palestra, até que approximando-se a hora da partida do trem, os acompanhamos á gare da estrada de ferro, onde captivos pelo fino tracto e eamerada educação de tão distinctos moços, delles nos despedimos ao silvar da locomotiva entre estrepitosos vivas levantadas a Ytú, Piracicaba, a mocidade estudiosa e a Imprensa.

Mais uma vez lhes agradecemos a sua visita.

Cigarros Especiaes

No armazem de Marcolino Cardozo, sito rua da Quitanda, vende se cigarros especiaes á cincoenta por cento.

Noticiario

COLLEGIO DE S. LUIZ

N'este importante estabelecimento, foram ant'hontem, festivamente recebidos, os revdmos padres Arthur Maria Diniz e Pedro Galdez S. J. vindos da Europa; o primeiro da Hespanha e o segundo de Roma.

Os novos e jovens sacerdotes, passaram a pertencer ao corpo docente do Collegio d'esta cidade.

O padre Arthur Diniz, é antigo alumno d'este collegio.

Felicitando ao recém vindos, apresentamos lhes os nossos cumprimentos.

FESTA DO SALTO

Conforme noticiamos realisou se na vizinha villa do Salto a annual festa de Nossa Senhora do Monte Serrate.

Constou ella de leilões de prendas; entrada de carros de lenha; alvorada pela banda musical saltense; missa solemne e procissão da sagrada imagem.

A tribuna sagrada foi occupada brilhantemente pelo padre Nogueira, da Companhia de Jesus.

Coadjuvaram ao rev. padre Pepe, digno vigario daquella parochia, o vigario de Indiatuba e mais um padre do collegio de S. Luiz, desta cidade.

A entrada da procissão foi queimada uma grande bateria e ás 8 horas da noite daquelle dia festivo, 8 de Setembro, foi tambem queimado um lindo fogo de artificio, trabalho do pyrotechnico Sebastião Cyrino Nunes.

Innumerables barracas de jogo, botequins e fazendas estiveram sempre cheias de povo.

Trabalhou uma companhia equestre e bem assim uma dramatica.

Desta cidade para aquella villa correram muitos tres especiaes, todos elles repletos de passageiros.

A ordem publica não foi alterada.

Emfim, foi uma festa esplendida, pelo que felicitamos não só ao padre Pepe, como aos seus encarregados.

MINERVA

Vistou nos o numero 1º do primeiro anno d'esta bem escripta revista de artes e letras, dirigida pelo abalizado jornalista e illustre litterato Arthur Goulart (Gastão Nubre).

D'ella transcrevemos hoje o bonito conto O Carrasco, devido a penna d'aquelle collega.

Gratos pela visita auguramos ao Minerva vida longa e prospera.

ESPECTACULO

Realisa se hoje no theatro S. Domingos o spectaculo que os sympatheticos rapazes do Grupo Dramatico João Caetano ex-Filial; vão dar em beneficio da senhor Balduino Ventura de Almeida.

Sendo digno dos mais entusiasticos applausos a resolução dos caritativos jovens, mais uma vez concitamos ao povo generoso d'esta cidade a secundal os nos seus esforços, concorrendo a esse spectaculo; cujo produto é o mais bem applicado possivel.

Ao theatro!

AGRESSÃO

Ant'hoitem o nosso amigo capitão Aureliano de Souza Freire, filho do capitão Belarmino de Souza, vereador da nossa municipalidade, foi covardemente agredido na estrada pelo senhor José de Arruda Botelho, acompanhado de seus capangas.

CORREIO POSTAL

Reproduzimos por ter sahido errado em nossa ultima edição:

Movimento da agencia do Correio de Ytú, no mez de Agosto de 1903.

RECEITA

| | |
|--|------------|
| Renda do Correio | 1:540\$990 |
| Sello do papel e imposto sobre vencimentos | 12\$100 |
| Emissão de vales | 3:388\$700 |
| Supprimento em dinheiro | 500\$000 |
| Saldo do balancete anterior | 172\$270 |

Somma

5:564\$060

DESPEZAS

| | |
|--|------------|
| Pagamento a empregados e aluguer da casa | 712\$500 |
| Pagamento de vales | 2:879\$900 |
| Recolhido a Administração | 1:000\$000 |
| Saldo que passa para o mez seguinte | 971\$660 |

Somma

5:564\$060

CURA DO HYDROPHOBIA

O nosso presado amigo, capitão Carlos Basilio de Vasconcello, habil pharmaceutico residente no Salto, fez publicar no jornaes da Capital, em secção livre, o seguinte, que abaixo reproduzimos, chamando para elle a attenção dos leitores e pessoas interessadas:

«O abaixo assignado, tendo de apresentar perante a Directoria do Serviço Sanitario as provas do tratamento anti-rabico descoberto pelo mesmo, precisa adquirir alguns cães que estejam recentemente mordidos por algum reconhecidamente atacado de hydrophobia.

A remessa de ditos cães, não só o abaixo assignado receberá como um grande obsequio, como também gratificará caso seja exigido.

Os cães devem ser remettidos para esta ao abaixo assignado, não excedendo de cinco ou seis dias depois de mordidos.

Assim também como algumas pessoas que venham a necessitar de identico tratamento poderão com franqueza procurar pelo abaixo assignado, que delle receberão gratuitamente todo curativo, aqui no Salto ou em S. Paulo, perante uma commissão de medicos, de cujo resultado tem certeza, visto que em onze

personas que se submeteram ao seu tratamento em nenhuma falhou.

Salto de Ytú, 4 de setembro de 1903.
CARLOS BASILIO DE VASCONCELLOS.»

Chá da terra

No armazem de Joaquim Dias Galvão á rua do commercio, canto do largo do Carmo, encontra-se superior Chá Nacional, producto de Ytú, o qual é vendido a preço sem competencia.

Editaes

O Doutor Luiz Gabriel de Souza Freitas, Delegado de Policia d'esta cidade de Ytú etc.

Faz saber que da data da publicação deste edital em diante, os cocheiros e conductores de carroças quando estiverem com os seus vehiculos estacionados no largo da Estação, a espera de chegada ou de sabida de trens devem conservar os ditos vehiculos, em linha de um e outro lado da rua, formando alas em direcção a rua do Commercio, deixando assim o transito livre para as pessoas que a pé sahem ou chegam a Estação. Os infractores serão punido de accordo com a Lei. E para que ninguem alegue ignorancia, mandou passar o presente edital para ser publicado pela imprensa. Dado e passado n'esta cidade de Ytú, aos 30 de Agosto de 1903. Eu Antonio Basilio de Sousa Barros, escrivão da Delegacia que o escrevi.

O DELEGADO DE POLICIA

Dr. Luiz de Freitas.

Secção Livre

Companhia Ytuana Força e Luz

De ordem da Directoria, e de accordo com o art 37 dos estatutos, convido os Srs. Accionistas a fazerem a segunda entrada de capital equivalente á 20 % do valor dos accões subscriptos, até o dia 25 do corrente.

Ytú, 8 de Setembro de 1903.

O PRESIDENTE

OCTAVIANO PEREIRA MENDES.

AO PUBLICO

O DOUTOR LUIZ DE FREITAS, medico; e AUGUSTO FERRAZ DE SAMPAIO, advogado; mudaram a residencia, a' rua do Carmo, n. 4.

AGRADECIMENTO E CONVITE



Manoel Joaquim da Silva Junior, Clotirdes Ignacia da Silva, Victalina Monteiro da Silva, Antonio Monteiro de Carvalho, Idalia Monteiro de Carvalho, agradecem de coração aos amigos, que acompanharam os restos mortaes de seu finado pae, sogro, tio, Manoel Joaquim da Silva, e ao mesmo tempo, convidam para assistir a missa de 7^o dia que será rezada na igreja do Bom-Jesus, ás 7 horas da manhã, do dia 14 do corrente, Plaa que desde já se confessam sumamente gratos.

Ytú 11 de Setembro de 1903.

Armazem a venda

O abaixo assignado, tendo de dedicar-se a outro ramo de negocio, vende o seu bom afregueza armazem de seccos e molhadas, situado o rua de S. Cruz, n.º 469, canto da Rua do Pirahy. Para tratar com mesmo na casa acima. Ytú, 13 de Setembro de 1903.

JOÃO DE DEUS DO NASCIMENTO.

Empregado

Offerece-se um moço de bons costume, e com pratica, para ajudante de fazenda, tanto de café, como de criar. Para informação nesta typographia.

Festa do Salto

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, encarregados da festa de N. S. do Monte Serrate, padroeira desta villa, vem, por este meio, paten-tear o seu agradecimento a todas as pessoas que concorreram com suas esmolias para que fosse realisada a mesma festa.

Tambem agradecem o auxilio que gratuitamente prestou a «Barba Musical

13 de Março» abrilhantando a procissão da nossa exceisa padroeira.

Fazendo votos para que o espirito religioso não se apague nos corações dos saltenses a todos protestam o seu reconhecimento.

Salto, 11 de Setembro de 1903.

Domingos José da Cruz.

João de Almeida Campos.

BALANÇO da receita e despesas feitas com a festa de Nossa Senhora do Monte Serrate.

RECEITA

| | |
|--------------------------------|----------|
| Productos das subscrições..... | 905\$500 |
| » dos leilões..... | 142\$100 |
| » de 36 carros de lenha..... | 218\$500 |
| » das esmolias..... | 374\$700 |

RS. 1:640\$800

DESPEZAS

| | |
|---|----------|
| Gratificação aos Padres..... | 480\$000 |
| » a Orchestra e B. de Musica..... | 450\$000 |
| » ao Armador e seu ajudante..... | 120\$000 |
| » ao Sachristão..... | 10\$000 |
| Provisão..... | 18\$000 |
| Fogos..... | 228\$000 |
| Cêra..... | 60\$000 |
| Annuncios..... | 42\$000 |
| Doces para anjos e outras pequenas despesas.. | 232\$800 |

RS. 1:640\$800

—E caro lhe ha de custar o arrependimento. Não sou tão velho para que escarneçam de mim, nem estou tão doente como o conde de Guayamo para que me atraíem. Hoje mesmo verei o marquez e depois saberemos o que nós havemos de fazer.

—Não, meu pae, não. O coração diz-me que ha algum obstaculo que se oppõe á minha felicidade.

—Pois bem; eu destruirei esse obstaculo.

Amelia agitou tristemente a cabeça; e como se aquella conversação a cansasse, pôz-se a tocar piano.

Neste momento apresentou-se um criado com uma carta urgente. D. Candido rompeu o sobrescripto e leu o seguinte:

«Amigo Sarmiento: Tula abandonou-me, deixando-me só. Em nome pois, da nossa antiga amizade, supplico lhe que venha vêr me o mais breve que possa.

Seu amigo, Luciano Quiñones.»

Aquella carta, que tão profunda admiração e surpresa causava a d. Candido, parecia explicar lhe ao mesmo tempo a indifferença do marquez de Sarty.

—Tula terá fugido com Leopoldo?—pensou d. Candido.

E como tinha grande interesse em saber a verdade, o ex-capitão saiu do gabinete de sua filha.

Amelia não deu fé da ausencia de seu pae. De xemol-a porém com as suas tristes meditações, e traslademo nos com a imaginação á casa de Julio, onde a felicidade tinha estabelecido o seu throno.

Sophia estava no seu modesto gabinete, illuminado por essa clara e pura luz que o sol derrama sobre os campos.

A esposa de Julio erguia de vez em quando os olhos para os fixar com ternura em sua filha, que costurava ao seu lado com toda a applicação de uma mulher caseira.

Ha momentos na vida em que a ventura não precisa de palavras para se manifestar.

Sophia era ditosa porquetinha realisado todos os formosos sonhos da sua juventude. Amada de seu esposo adorada de seus filhos e de seu pae, á mulher de Julio era o modelo das mães de familias, cujos olhos cheios de ternura jámais se tinham obscurecido com essas nuvens tristes que formam os desgostos domesticos.

Para ella Julio continuava a ser o mesmo amante apaixonado que ia vel a todas as noites á sua modesta casinha da rua do Amor de Deus, confiando lhe os seus planos, os seus pensamentos e as suas futuras esperanças.

Quando se unem dois corações tão puros e tão apaixonados como os de Sephia e Julio, a morte devia leval os juntamente para os

—Bem sei, sr. conde; sei tudo o que succeden hontem nesta casa e deploro as consequencias que esta separação pôde trazer.

—Visto isso, fallou com minha mulher?

—Ha meia hora.

—Seria uma imprudencia perguntar onde a viu?

—Não é segredo. Vi-a em casa da nobre baroneza do Valle; e por certo que a condessa não podia procurar um refugio mais respeitavel e mais digno.

—Comtudo, Tula deveria estar ao meu lado ajuntou Luciano, fixando um olhar sombrio no medico. E' uma infamia abandonar um marido que está ás portas da morte.

—Não sou do mesmo parecer; e fazendo assim colloco me da parte da razão.

O conde fixou com assombro os olhos no medico: porém, este manteve aquelle olhar com um sorriso tranquillo.

—Doutor, minha mulher disse lhe a razão porque me abandonou?

—Sim.

—E tem a certeza de que ella lhe disse a verdade?

—Sim.

Estes dois monosyllabos foram pronunciados com tal firmeza que o espanto de Luciano augmentou.

—E se a condessa tiv. sse mentido?

—Não crei, porque me referia tudo com as lagrimas nos olhos, a linguagem da verdade nos labios, e a arma que devia feril-o na mão.

O conde estremeceu e procurando conter o despeito e a raiva que o devorava, disse:

—Sr. doutor, minha mulher representou lhe uma farça repugnante, porque ha algum tempo a esta parte, que lhe era importuno, porque desejava esta separação...

E baixando a voz, accrescentou:

—E porque tem um amante.

—Sr. conde, redargiu o medico sem mostrar o menor assombro. V. exa. tem a desgraça de padecer de uma molestia que entristece o espirito e desenvolve a dasconfiança; e nada seria para extranhar que os seus ciumes fóssem infundados.

O conde fez um esforço para erguer o seu desfallecido corpo, e levantando os punhos fechados para o tecto, exclamou:

—Na verdade é triste e bem triste o que me succede... O lodo que a adúltera merece é lançado sobre a cabeça do martyr... O crime é della e a culpa é minha.

J. D. MARTINS

COMMISSARIO

Successor de MARTINS & OLIVEIRA

Praça Republica, n. 1

Caixa Postal, n. 193

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ITARARÉ"

SANTOS

Representante e agente

Francisco Augusto de Oliveira

COM DEPOSITO DE SACCARIA NOVA E USADA

RUA S. BENEDICTO N. 2

AMPARO

N. B.—Boas classificações e optimas contas de venda
E' o systemada casa

Sem receio de contestação, pôde-se afirmar que a casa commissaria J. D. Martins:

ESFORÇA-SE QUANTO POSSIVEL PARA BEM SERVIR, procurando sempre corresponder á confiança que lhe é depositada;
Não especula em café;

LIMITA-SE EXCLUSIVAMENTE Á SUA COMISSÃO E ENSAQUE;

NÃO TEM SOCIOS com quem deva repartir lucros, o que é uma INCONTESTAVEL VANTAGEM para os Surs. Committentes; finalmente, sempre tem prestado OPTIMAS CONTAS DE VENDA, de modo a satisfazer ainda mesmo aos freguezes mais exigentes.

Uma remessa apenas de algumas saccas, provará a exactidão do que fica dito.
Pedidos de saccos e mais informações: Dirigir-se ao Representante, ou directamente á casa.

EUREKA!

Pharmacia Souza



DE

SOUZA & COMP.

YTU'--RUA DO COMMERCIO, 115

(ANTIGA LOJA DO VEADO)

Completo sortimento de drogas, e productos chimicos e pharmaceuticos, nacionaes e estrangeiros.

Aviam-se receitas com promptidão e acceio a qualquer hora do dia ou da noite.

O estabelecimento acna-se sob a gerencia do pharmaceutico Irineu Augusto de Souza, que está actualmente residindo á rua do Commercio, n. 92; e onde pôde ser chamado a qualquer hora da noite.

Dr. Enrico Viscardi

—»«—

Medico—Cirurgico

Laureado pela Universidade de Pavia

(Italia)

Habilitado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

—»«—

Residencia—SALTO DE YTU'

FUMO

o que ha de superior, só é encontrado no ARMAZEM DO QUEIMA, a rua da Palma, n. 53

Martins de Oliveira & Marins

Fazenda a venda

Vende-se uma boa fazenda distante 4 legua desta cidade com boa caza de morada feita a tijollos, e 33 casas para colonos tambem feitas a tijollos e boa machina de beneficiar café casa boa para administrador 130 mil pés de café senio 20 mil de 2 annos e 110 produzindo, aguadas boas e grandes, pasto excellentes, todos cercados de arame, 2 carroças artealas com animaes de primeira ordem; a quem pretender comprar pedimos enviar carta a

Viuva Almeida & Filhos.

Sorvete e gelo

Jacinto Lacerda, participa aos seus freguezes, e ao respeitavel publico em geral que de hoje em diante terá a venda sorvete de fructas, e bem assim gelo de primeira qualidade.

Rua de S. Cruz 95.

**Papel de embrulho
5\$000 a arroba**

E como se naquelle momento se lhe exgotassem todas as suas forças, Luciano deixou cair a cabeça sobre o peito e murmurou:

—A providencia é justa; porém quão terrivelmente me castiga!...

Esta exclamação escapou involuntariamente da alma de Luciano. De repente ajuntou com accento supplicante:

—Doutor, se a sciencia de curar não é uma comedia, se conhece algum remedio que dê vigor e força ao meu corpo por tres dias, dê-me esse remedio, ainda que em seguida venha a morte pela sua preza. Ah! Se conseguisse reanimar a meu corpo, dar-lhe-hia tudo quanto possuo!

—Loucuras, e sempre loucuras! V. exa. é incorrigivel. Tranquilidade, socego e paz de espirito é o que lhe aconselho que tenha.

E o medico, levantando se e saudando o conde, saiu promettendo vir de tarde.

Durante alguns segundo Luciano permaneceu immovel; porém de repente ergueu a cabeça e disse com accento sombrio:

—Morrer sem me vingar... Oh! Não! Preciso de um braço que me vingue e de uns labios que me perdoam. Depois, pôde vir a morte.

E puxando pelo cordão da campainha disse ao criado que se apresentou;

—Nicolau, traze-me tudo o que fór necessario para escrever duas cartas.

Pouco depois, o conde de Guayamo escrevia ao seu amigo de infancia Julio Zurita e ao seu antigo capitão Candido Sarmento.

CAPITULO XXXVII

—»—

AS DUAS CARTAS

MA formosa lua, um perfume embriagador, penetrando no coração de Amelia, tinham reanimado e quebrantado por um momento.

Leopoldo ama-te, tinha-lhe dito seu pae, acaba de me pedir a tua mão. Palavras magicas que tinham inundado o coração da donzella de felicidade e alegria.

Porém decorreram quatro dias e Leopoldo guardava o mais profundo silencio. Em vão Amelia esperava que o marquez lhe dissesse: O que teu pae te disse é verdade; amo-te e serei teu em breves dias.

A pobre donzella não podia explicar aquelle silencio extranho e singular; e a melancolia, dissipada por um breve instante, renasceu de novo no seu coração, porém mais triste e mais desalentadora.

Amelia sentia a morte approximar-se. Para ella não tinha luz o céu, nem a terra encantos.

Muitas vezes dizia consigo:

—Não ha duvida. Leopoldo ama a condessa, e a condessa tem olhos mais atractivos do que eu.

Estas reflexões arrancavam-lhe sempre suspiro, e este suspiro era o castigo que a Providencia enviava ao antigo negreiro Candido Sarmento.

D. Candido nunca tinha experimentado remorso algum, mesmo nos momentos de commetter qualquer crime. Tinha-se feito rico com o sangue dos negros sem que o seu somno uma só vez se tivesse perturbado.

Porém Deus tinha dito: «Amarás tua filha, e este amor será o teu castigo.»

E desde este dia o marmore converteu-se em cera. A hora do sofrimento tinha soado para D. Candido. Aquella filha a quem tão extremosamente amava, por quem tinha commettido tanto crimes, tinha-se lhe convertido em um grande tormento. O vól a triste era para D. Candido um martyrio atroz.

Porém entremos em casa do antigo capitão do Salvador.

Amelia, como sempre, estava sentada junto ao piano, porque a musica era a sua unica consolação. D. Candido, de pé, contemplava sua filha, sem se atrever a interrompê-la. Por fim o antigo negreiro disse:

—Amelia, se continuas assim a estar triste, então não tenho remedio senão tirar-te de Madrid.

—O meu dever é ir para onde o pae me mandar—atrou Amelia com resignação.—Porém não espere que esta tristeza se me desvança debaixo de outro céu.

—Pois bem; para que essa tristeza termine ou seja maior, lem sei o que devo fazer—exclamou d. Candido com colera.

Amelia extremeceu e os lagrimas borbulharam-lhe dos olhos. —O marquez—tornou d. Candido—é vilão; deu-me a sua palavra e faltou a ella. Pois bem; irei pedir-lhe uma satisfação; não estou acostumado a que ninguém brinque commigo.

—Se Leopoldo não me ama, essa satisfação que o pae lhe quer exigir será sem resultado.

—Porém elle pediu-me a tua mão!

—Para em seguida se arrepender.